Síntese Nº 30 – Pág. 63-91

PEDAGOGIA E LUTA SOCIAL NO CAMPO PARAIBANO II*

Vanilda P. Paiva

Esta explicação tinha livre trânsito entre a população e as placas colocadas nas propriedades que expulsaram moradores e que receberam financiamento da SUDENE ("A SUDENE colabora com este empreendimento") e o fato de que alguns proprietários se justificavam diante dos moradores dizendo que "isso agora é da SUDENE; vocês tem que sair porque ela mandou plantar capim" contribuiram para difundí-la e fortalecê-la. Apesar da SUDENE não ser a proprietária, como muitos moradores passaram a pensar, ela era vista pela Igreja como responsável pelo fenômeno: "foi ela que financiou o proprietário e este pagou indenizações insignificantes, fez acordos muitas vezes inícuos, derrubou fronteiras, passou o trator nas roças e lavouras, destruiu casas, plantou capim, expulsou o homem e introduziu o boi".

Em resumo, população e Igreja percebiam a expulsão como resultado de uma determinada política econômica posta em prática pela SUDENE desde que este organismo, a partir de 1967, passara a financiar projetos agropecuários, cujos efeitos começaram a ser sentidos na primeira metade dos anos 70. No entanto, se atentarmos por um momento para as propriedades onde, a partir de meados da década, surgiram conflitos e resistência à expulsão observamos que eles não ocorrem fundamentalmente em propriedades com projetos financiados pela SUDENE nem em áreas destinadas à introdução da pecuária. Na segunda metade dos anos 70 já se tratava de um processo de expulsão provocado principalmente pela expansão da cana ou pelo tradicional motivo da divisão das terras com a morte de um grande proprietário (associando-se, neste caso, como fator de tensão a expectativa da exploração direta das terras pelo novos donos, com introdução do gado). Há fortes motivos para se supor que a expulsão em

---

* *Ver "Síntese" nº 29, Set/Dez-83, p. 73-99. A redação final desse trabalho (I e II) contou com a ajuda financeira do CNPq.*

áreas de projetos agropecuários de grande porte com financiamento da SUDENE no início da década, antes de haver suficiente articulação entre os próprios moradores e antes de que fosse organizada qualquer forma de apoio externo, de tal modo que a expulsão que teve lugar em tais áreas não somente propiciou a difusão daquela interpretação como também estimulou a articulação que possibilitará a resistência nos anos subseqüentes, mesmo que nesta nova fase a expulsão nem sempre tenha estado lidaga à difusão da pecuária. Na verdade, em meados da década, a capitalização da zona da mata paraibana não era atribuível apenas à ação da SUDENE. Os financiamentos para compra de terras e maquinaria pelo Banco do Brasil e pelo Banco da Paraíba, a utilização dos mecanismos do Proterra precisam ser considerados neste processo. Além do mais, não é possível entender o que ocorreu sem considerar o rompimento do Acordo Internacional do Açúcar no começo dos anos 70 e a conseqüente elevação do preço daquele produto no mercado externo, multiplicando-se por 10 e até por 12. A formação de um Fundo Especial de Exportação no Instituto do Açúcar e do Álcool gerou a expectativa de massiços financiamentos. Na verdade, com estes recursos ou com outros do próprio IAA, a maioria das usinas promoveu a renovação da sua maquinaria. A produção paraibana cresceu grandemente, logrando a Usina Santa Helena iniciar a produção de açúcar demerara para exportação. Os proprietários da área consideram que o avanço anual sobre as terras naqueles anos foi da ordem de 15 a 20%, ou seja, cerca de 100% em 5 anos. A mecanização da produção era visível pelo número elevado de tratores, caminhões, colhedeiras, cortadeiras, carregadeiras que a maior parte das usinas declarou haver comprado nos últimos anos. O avanço sobre as terras já não mais se restringia às áreas mais férteis: a utilização crescente da irrigação por aspersão e a implantação de sofisticados laboratórios de análise do solo para determinação da composição ideal do adubo, associada ao subsídio governamental à importação de adubo químico nos anos 70 através do programa "Plante que o governo garante", provocou uma expansão sobre as terras da mais variada qualidade. Todos estes fatores se somaram à pressão constante do governo no sentido de transformar a oligarquia nordestina em empresariado agrícola, ameaçando-a com a desapropriação ao mesmo tempo que oferecia inúmeras vantagens e financiamentos a projetos de exploração econômica direta das terras, dando como resultado uma crescente expulsão dos "moradores".

Mas, fatores extra-econômicos também estiveram presentes, determinando a intensificação do fenômeno. A atividade das Ligas, a inquietação no campo no início dos anos 60 e a expectativa de um modelo

de desenvolvimento agrícola nitidamente capitalista foram fatores de fundamental importância para que viesse à luz o Estatuto da Terra em 1966. Os direitos assegurados em lei (e em lei pós-64), especialmente aqueles concernentes à indenização e à manutenção de posse, foram reivindicados pelos trabalhadores pernambucanos de imediato, desempenhado aí os sindicatos um papel relevante. Na Paraíba, ao contrário, não houve grande mobilização — exatamente porque o processo de expulsão maciça do campo começou mais tarde — em torno dos "direitos" assegurados pelo Estatuto da Terra. A luta em torno dos "direitos" começa na Paraíba nos anos 70 e a Igreja serve aí como apoio externo, cumprindo muitos dos papéis que normalmente seriam preenchidos pelos sindicatos e que foram efetivamente preenchidos por eles no vizinho Estado de Pernambuco. Mas a luta pelos "direitos" nos anos 70 foi também um fator que impulsionou a expulsão: na medida em que ela começou a ocorrer e em que alguns proprietários se viram obrigados a pagar indenizações obedecendo aos critérios legais ou a manter a posse dos moradores por mais 3 anos, muitos foram os donos de terras que passaram a buscar recuperá-las antes que os seus moradores tomassem conhecimento dos direitos assegurados em lei. Casos houve, como o das terras de Capim de Cheiro em que a usina proprietária (Nossa Senhora das Maravilhas, localizada na divisa entre Pernambuco e Paraíba), dispondo de grande quantidade de terras não-utilizadas junto às suas instalações, iniciou o plantio de cana em áreas distantes onde ainda existiam moradores como pretexto para expulsá-los. Esta espécie de "expulsão preventiva" começou a ocorrer com freqüência, contribuindo para fazer crescer a periferia das cidades e para a redução dos "foreiros" à condição de trabalhadores assalariados. Em outros casos, onde a preocupação com a retenção da força de trabalho era especialmente grande, os donos das terras fizeram uma triagem entre os trabalhadores "bons" e "maus": os primeiros eram os que se submetiam à perda do roçado e à realocação nas terras de acordo com os interesses da fazenda, sem reclamação. Os demais eram devidamente expulsos, localizando-se boa parte na periferia das vilas próximas.

De fato, na última década as relações de produção na Zona da Mata paraibana se transformaram visivelmente. É verdade que este movimento no sentido de transformar "foreiros" em trabalhadores assalariados, expulsando-os das terras, esteve presente ao longo da história nordestina na região da cana: sempre que, em função do comportamento do mercado mundial do açúcar, a região foi arrancada da sua "letargia secular" — como diria Celso Furtado — a cana avançou sobre as terras, retornando os "foreiros" às áreas então ocupadas ao retrair-

se a demanda do açúcar. Os anos 70, no entanto, parecem oferecer algo novo. Não está em pauta apenas a expansão da cana em função do rompimento do Acordo Internacional do Açúcar no início da década. Esta expansão poderia ser reversível, na medida em que as condições do mercado internacional se modificassem, como ocorreu no passado. Hoje, porém, estamos diante de dois fenômenos novos de amplo alcance: — por um lado, o preço do açúcar pode cair sem provocar a retração da área de plantio da cana em conseqüência da expectativa criada pelo Plano Nacional do Álcool e da possível reconversão das usinas ou mesmo da instalação de novas destilarias; por outro lado, a política governamental de financiamentos, visando transformar as oligarquias agrárias nordestinas em empresariado agrícola, tem como conseqüência não apenas a mecanização das propriedades mas também a expansão da pecuária e a instalação de empresas agrícolas altamente sofisticadas até mesmo para a produção de produtos tradicionais da região como o abacaxi ou a mandioca ou para a avicultura. Estes fatores, associados ao temor dos proprietários à reivindicação dos "direitos" e às vantagens que vêem hoje no trabalho assalariado, parecem compor um quadro dentro do qual a expulsão do homem da terra é progressiva e definitiva.

Observa-se na região a formação de uma nova mentalidade na classe proprietária. Quando os trabalhadores dizem que hoje os proprietários não querem mais ninguém na terra, não dizem mais que a verdade. A velha geração de grandes latifundiários, que combinava violência e paternalismo, está desaparecendo por morte ou vivendo as contradições impostas pelo novo momento de capitalização do campo nordestino. É possível encontrar velhos proprietários que falam hoje uma linguagem técnica absorvida através do contacto com organismos de assessoria e planejamento, que se colocam como objetivo a mecanização de suas propriedades, ao mesmo temo em que ainda se referem aos seus moradores de maneira tradicional e paternalista, em que ainda prezam o seu prestígio entre os que habitam a propriedade e que tem pretensões políticas calcadas sobre os laços tradicionais que sobrevivem no campo. Muitos, porém, abandonaram inteiramente posições tradicionais e a nova geração proprietária tende a romper com seus restos: — um dos objetivos importantes destes em relação à força de trabalho é livrar-se dos problemas causados pelas relações tradicionais. Não se trata apenas de desvencilhar-se das questões ligadas à reivindicações dos "direitos" mas também de eliminar os deveres criados pelas relações paternalistas tradicionais. O "proprietário bom" descrito pelo nosso entrevistado — que presta favores pessoais e exige lealdade — é uma espécie em extinção e não porque a ele se

contraponha o "proprietário ruim", mas porque esta dicotomia está desaparecendo ao surgir um novo tipo de patrão, que regula em termos estritamente capitalistas suas relações com os trabalhadores.

Os herdeiros dos oligarcas tradicionais não querem mais asumir o ônus do paternalismo e, diante das pressões por agir de acordo com as regras do jogo capitalista, também não podem assumí-lo. O "proprietário bom" — que o trabalhador apreciava — aquele que manda levar a mulher na maternidade, que adianta dinheiro para o plantio, que atua de forma protetora para com os "homens de responsabilidade", que faz justiça no campo e estabelece com seus moradores relações de caráter pessoal está desaparecendo. O "proprietário bom" era também aquele que não aparecia na propriedade, deixando que os moradores decidissem por si mesmos a respeito do que fazer com a terra. Uns e outros estão diante da contingência de transformar-se em empresários agrícolas, devendo para isso recuperar as terras para explorá-las diretamente — o que supõe a expulsão dos moradores — ou vendê-las a quem deseja fazê-lo. Por certo que o processo mesmo de expulsão está freqüentemente impregnado pela violência tradicional dominante no campo. Especialmente os proprietários menores que vêem nas oportunidades de financiamento a chance para o enriquecimento parecem lançar mão de mais violência, porque tem pressa, não tem uma imagem tradicional a preservar e porque tem que reafirmar o seu poder: — aí podem ser contados aqueles que ameaçam fisicamente os trabalhadores, lançam mão da clássica ameça dos tiros no telhado, ou colocam o gado no roçado dos moradores e os intimidam através de formas diversas. Já os mais fortes economicamente podem lançar mão de outras formas de agir: indenizam a partir de um acordo com o trabalhador, no qual este leva desvantagem e para a assinatura do qual ele é pressionado de diversas maneiras (como se vê, por exemplo, no caso referido por Severino), aí entrando desde as dificuldades de encontrar órgãos da justiça do trabalho nas horas e locais adequados, a intimidação difusa, a corrupção disfarçada dos juízes e advogados no interior que induzem o trabalhador a acordos contrários a seus interesses. No fundo, independente dos métodos, todos querem algo comum: — libertar-se das obrigações pessoais, desocupar a terra, livrar-se de futuras indenizações e da manutenção da posse por 3 anos e do risco de crescerem as benfeitorias a serem posteriormente indenizadas. Na área da cana, onde por lei o morador tem direito a 2 ha. para o roçado, trata-se também não apenas de liberar ou evitar a ocupação da terra a que eles legalmente tem direito mas também de liberar o tempo do trabalhador e submetê-lo a condições em que a "escravidão" seja a única saída: — os proprietários da área parecem con-

cordar em que, como mais do que meio hectare, o trabalhador precisa de dois dias por semana para trabalhar no seu próprio roçado e que ele tem condições de dedicar estes dois dias ao roçado porque o seu produto o faz relativamente independente (cultivo para subsistência), tendo como conseqüência o fato de que o proprietário da terra só pode contar com o trabalhador por 3 dias e não por toda a semana. Liberar a terra dos moradores não significa, pois, apenas liberar terras mas também liberar força de trabalho para a propriedade que promove a expulsão.

A destruição dos vínculos pessoais, a liberação das terras e da força de trabalho trazia, porém, um risco para os proprietários: o de perder o controle sobre o acesso à força de trabalho devido à migração. Porém, parte importante dos trabalhadores expulsos localiza-se na periferia das vilas e cidades próximas à propriedade onde morou e a relação com o proprietário passou a ser mediatizada não mais apenas pelo administrador do empreendimento mas também pelo intermediário. Este se encarrega de servir de elo de ligação entre o trabalhador e a empresa, com o que esta se livra das obrigações sociais ligadas ao trabalho assalariado. A maioria dos proprietários da área considera que esta é a melhor forma de lidar com a força de trabalho: não tem responsabilidade direta, é barato, não tem o problema do recrutamento, pode contar com trabalhadores os mais diversos nos diferentes dias — sempre assegurados pelo intermediário. A única preocupação do empresário é com a retenção da força de trabalho abundante pelas imediações da propriedade. Em algumas áreas da Zona da Mata paraibana a migração foi de tal ordem que as diárias se elevaram em função da escassez da força de trabalho. Para evitar esta conseqüência alguns donos de terras começaram a seguir o exemplo de um proprietário que, ao expulsar seus moradores para expandir a pecuária com financiamento da SUDENE, construiu casas de taipa na periferia da cidade mais próxima. O morador expulso passou então da "condição" de morar na terra para a "condição" de morar na rua, mantendo-se o antigo sistema dos "eiteiros": — a nova "condição" corresponde ao aluguel urbano, ao "direito de morar", devendo ser paga através da obrigação de trabalhar por uma diária mais baixa num determinado número de dias por semana. É evidente que para poder impor a "condição de moradia urbana" foi preciso que o proprietário expulsasse sem indenização ou com baixíssimas indenizações, capazes de impedir que o morador construísse a sua própria casa de taipa na periferia da vila e de tornar para ele atrativa (talvez como única alternativa) a nova "condição". A "condição urbana" paga-se com trabalho no campo.

As transformações sofridas pelas relações de produção, como já vimos, refletem-se na vida concreta das pessoas. A urbanização da população e as crescentes facilidades de comunicação contribuiram para reduzir o terror no campo, ao tornar públicos os atos dos proprietários e de seus prepostos até então considerados "privados". Hoje diz Severino que, "proprietário já não mata morador", já não pode dar "pisa" — ou que pelo menos "é raro ouvir". Por certo que em algumas áreas isto ainda ocorre: na fronteira entre Paraíba e Pernambuco, os trabalhadores são ainda "assombrados" com o que se passa numa das usinas da área, na qual — segundo se diz na região — trabalhadores rebeldes "aparecem mortos no meio da cana"; numa cidade do agreste em 1976 um proprietário ameaçava moradores e visitantes com violência física e, usando o argumento da subversão e sua filiação como prefeito ao partido do governo, conseguiu que o Exército abrisse um inquérito contra a agente de pastoral local e fizesse manobras próximo à cidade, intimidando os que se revoltavam contra a expulsão da terra. A violência sobrevive no gado colocado no roçado, na presença do "Negão" temível capataz que, no início dos anos 60, teria estado envolvido em episódios de violência e morte de trabalhadores no Engenho Oriente) nas terras de Alagamar como empregado dos proprietários para controlar e atemorizar a população, nos vigias que também em Alagamar terminaram por dar uma "pisa" e arrancar uma orelha de um dos trabalhadores, na expulsão de moradores com derrubada da casa, obrigando a família a refugiar-se embaixo de uma árvore e provocando a morte de um dos filhos do casal. O apelo à violência é, porém, menos freqüente hoje do que foi no passado. Para Severino, o que mudou, fundamentalmente, foi o fato de que hoje em dia há lei, há apoio externo, há comunicação. Há o Estatuto da Terra — que na época de sua publicação foi considerado pelos oligarcas governistas como uma lei "comunista", reclamando-se muitos pela imprensa de que "não haviam feito a Revolução para isso" — e há a possibilidade de pressionar para que ele seja cumprido.

Algumas coisas mudaram nos últimos 20 anos. Por exemplo: o acesso à escola. Antes de 1961, diz Severino, "era só enxadinha". A época da difusão das Ligas coincide com a difusão da escola e ambas com a abertura das estradas, o rompimento da incomunicabilidade do interior, o governo Goulart. Tais transformações criaram novas possibilidades de protestar, de reivindicar. Sem dúvida houve interrupção e repressão em 1964. Nos anos seguintes, o "modelo é outro", mas a lei de 1966 existe e seu cumprimento pode ser exigido. Entretanto, uma coisa é a existência da lei, outra é como exigir seu cumprimento, pois as Ligas foram desbaratadas e os sindicatos passaram a ser mani-

pulados de modo a não criar problemas. Severino afirma que, à diferença do passado, hoje tem justiça, tem lei: mas ele está falando dos anos 70, quando já se iniciou a luta pela aplicação do Estatuto da Terra na Paraíba com apoio da Igreja. Hoje é possível lutar estritamente dentro da lei. Fica bem claro no seu depoimento que, sem apoio externo, as reivindicações são muito difíceis, senão impossíveis e a Igreja desempenha, neste caso, um papel fundamental. Mas ela não ensina, como as Ligas, que "pobre deve perder medo de rico" de maneira iluminista, nem dentro de um contexto de luta explicitamente política. Ela ensina que existe a lei e esclarece quais são so direitos que a lei assegura, estimulando os trabalhadores que — por temor, desânimo ou desconhecimento — deixam-se burlar pelos proprietários e desistem da tentativa de fazer cumprí-la. Tal como os "encarregados" das Ligas também os "agentes da pastoral" e os padres vão às propriedades onde sabem que está ocorrendo a expulsão com a finalidade de dar apoio aos trabalhadores e esclarecê-los em relação aos direitos que possuem. Como relata Severino, ante a iminência da expulsão eles organizaram na propriedade missas seguidas de reuniões — realizadas debaixo do pé de jaca — para refletir sobre a situação. No entanto, para passar à ação concreta — reivindicar a aplicação da lei — muitos daqueles que estiveram na reunião e que se declararam dispostos a participar não apareceram: ao contrário das Ligas, porém, eles não foram obrigados a tomar parte, contra eles os demais trabalhadores não usaram de violência para forçar a participação. "Hoje só vai quem sabe o que está fazendo". O indivíduo entra na luta pelos "direitos" por estar convencido de que deve fazê-lo, após um processo de reflexão sobre os problemas da sua vida, sobre a justiça, sobre o Evangelho. Na época das Ligas quem não queria ir recebia "ensino" para perder o medo. Mas as Ligas realizavam ações diretas e não existia lei que assegurasse os direitos de hoje: tratava-se de conquistá-los, fosse através da negociação ou da violência ou de ambas, servindo a última para obrigar o proprietário à primeira. Mas após abril de 1964 a ação direta tornou-se inviável porque punida com forte repressão; a ação dos trabalhadores em favor de seus interesses passou a visar conquistas legais e aplicações da lei.

A atuação pastoral da Igreja paraibana nos anos 70 contribuiu para que o homem do campo identificasse a ação legal como forma possível de luta e até mesmo a privilegiasse. O processo pedagógico que estimula esta ação defensiva pode incluir a pressão moral do grupo sobre seus integrantes (para que reivindiquem os "direitos"), mas exclui a imposição. Isto é compatível com os ensinamentos pedagógicos tradicionais da Igreja e com a pedagogia de extração existencial

cristã. Através do Evangelho pensa-se a vida e forma-se a pessoa para a opção livre; a ação deve resultar de um longo processo de reflexão e, para chegar a ele, cada um percorre um extenso caminho de aprendizagem, de esclarecimento do direito de cada um ao livre arbítrio. Por isso, a participação numa luta que resulta de discussões de tais grupos não pode ser forçada; mesmo se todos estiverem de acordo enquanto estavam no grupo e mais tarde mudaram de opinião, é possível argumentar, animar, mas não obrigar alguém a participar. Toda a ênfase está colocada sobre a educação da consciência antes da participação na luta, ao contrário do que ocorria nas Ligas, onde se pretendia que a consciência política resultasse da participação — voluntária ou não — nas campanhas.

Mas, o papel da Igreja não se limita a esclarecer que os direitos existem e a estimular a sua reivindicação. Ela oferece também uma ajuda muito concreta e material, sem a qual muitas reivindicações não poderiam ser feitas. Como mostra o depoimento de Severino, o agente da pastoral vai até onde estão os trabalhadores com a caminhonete buscar no dia combinado — e mesmo assim muitos são os que não aparecem. Em outras ocasiões ele os leva em seu próprio carro (da Diocese) ou empresta o dinheiro para a passagem. Mas é preciso mais que isso: não se trata apenas de cobrir os custos do deslocamento mas também ensinar ao trabalhador a deslocar-se. O agente da pastoral o espera no ponto do ônibus e o ensina a mover-se na grande cidade e muitas vezes o leva até os locais onde deve comparecer. Severino tem clareza de que, deixado no caminho por onde passaram, ele não saberia voltar para casa. E isto ele afirma já quando está morando na periferia da grande cidade e trabalhara como vigia de construção na capital. Na época das Ligas, quando ainda estava no campo, ele nunca havia ido a uma grande cidade e só chegou a Sapé através da participação na Liga. Naquela época, se perdesse o caminhão ele também não sabia como voltar para a fazenda. Assim, a função de acompanhante dos agentes de pastoral é essencial: — eles vão buscá-los, ensinam a tomar os ônibus, os esperam na rodoviária, ensinam a andar na cidade. E mais, ensinam também aonde devem ir, como chegar aos locais, e a quem dirigir-se. Esta tarefa está mesclada a uma outra que é a do assessoramento jurídico propriamente: a existência de advogados capazes de assessorar os agentes de pastoral ou de atender diretamente os trabalhadores é essencial para que as reivindicações possam ser levadas adiante. Poder discernir entre o tipo de reivindicação que pode e deve ser feita e onde, como fazê-la, a quem procurar, são tarefas para a assessoria jurídica. Neste processo é que o trabalhador vai ganhando confiança em si mesmo. Nosso entrevistado aprendeu a

andar em João Pessoa em função da "questão". Ganhou confiança na justiça, nas leis, ao verificar que nem sempre o patrão ganha, que existe a esperança de um poder superior ao do patrão lhe dar ganho de causa: — há aí o seu reconhecimento como cidadão igual aos demais que lhe dá confiança na estrutura jurídica da sociedade, na neutralidade da justiça. Forja-se, assim, em sua consciência, a crença no reconhecimento da igualdade dos homens diante da justiça nesta sociedade, embora ele disponha de elementos para perceber o caráter ilusório de tal reconhecimento porque a realidade concreta é a do seu comparecimento ao tribunal — com todas as dificuldades que isso lhe acarreta, em locomoção, perda de dias de trabalho — em muito maior número de vezes que o patrão acusado. Ele vê reconhecida uma igualdade abstrata em relação ao patrão, porque ambos têm que obedecer a algo que está além deles e que é a lei, cujo caráter de classe ele não chega a perceber porque aquele para a qual ele apela, no caso específico, lhe assegura direitos elementares que ele viu lhe serem negados durante toda a sua vida. E a sua fé na justiça, aliada à sua confiança em sua capacidade de locomoção, torna-se tão grande que ele pensa em ir para o Recife levar adiante a reivindicação, caso o resultado em João Pessoa lhe seja desfavorável. É como se a cidade maior também lhe assegurasse mais direitos, permitisse mais claramente o seu reconhecimento como cidadão. É como se neste processo ele, definitivamente, "perdesse o medo do rico": ele agora não precisa mais submetê-lo, trazê-lo para a negociação através da intimidação e da violência porque pode fazê-lo através do tribunal.

O mesmo prazer que nosso entrevistado sentiu ao ver o seu patrão rodeado de trabalhadores que se recusavam a cortar o agave com o gume das foices voltado para ele, sente ele hoje quando obriga o seu ex-patrão a comparecer ante o tribunal. Não adianta ele mandar um empregado dizer que a responsabilidade não é dele: algum dia ele terá que ir pessoalmente e confrontar-se com o trabalhador na justiça do trabalho diante de mediadores que não estarão *a priori* do lado do patrão. Mais que isso: tal como na época das Ligas, ele — que perdeu o medo de dizer ao rico o que pensa, que aprendeu a dizer não "com o dedinho" — se vê diante de uma situação na qual pode dirigir-se ao ex-patrão de igual para igual. Ele se sente, na cidade, protegido pelo advogado e pela lei, ao contrário do que ocorria há 20 anos no campo, quando a única proteção era a ação conjunta (e ainda o é, em muitos casos, como se viu em Alagamar ou em Pedras de Fogo, mais recentemente) direta dos trabalhadores. É o patrão e não ele quem precisa se defender. Ele o acusa e desmente direta e publicamente. O patrão que ele descreve como arrogante, esticando o pescoço para

cima, é obrigado a dialogar com ele e a tratá-lo urbanamente, a descer de sua arrogância para explicar, argumentar, justificar-se. Isso desmistifica a figura do proprietário, que agora é visto sem poder, controlado. Esta seria uma das diferenças fundamentais entre hoje e ontem: hoje também o patrão tem que obedecer, que cumprir ordens. Antes cabia a ele apenas decidir e mandar; antes ele podia usar de vioência impunemente, hoje tem que prestar contas diante da justiça. A fala de Severino nos coloca diante de formas diferentes de luta, desenvolvidas numa mesma região geográfica em situações e momentos diversos, encarnadas numa mesma história de vida. Mas não é apenas a luta dos trabalhadores que apresenta características distintas entre o início dos anos 60 e a segunda metade dos anos 70; é distinta também a forma assumida pela atuação dos proprietário na área e pelo envolvimento de forças e agentes externos atuantes na região que apoiam proprietários ou trabalhadores. Nos 10 anos que separam os dois momentos da luta a zona da mata sul paraibana sofreu grandes transformações, com progressiva e acelerada capitalização estimulada por mecanismos acionados pelo governo pós-64. A classe proprietária local foi progressivamente pondo fim às relações de caráter pessoal e aos compromissos correspondentes com o trabalhador, reduzindo-as tendencialmente ao puro assalariamento; na mesma medida ela passou a lançar mão menos freqüentemente da violência física. O uso da violência pelo proprietário do campo em áreas próximas às grandes cidades — hoje com possibilidades amplas de comunicação e onde o capitalismo penetrou na esfera da produção agrícola — é, tal como a luta dos trabalhadores, "de outro modelo". Ele lança mão hoje em dia dos mesmos mecanismos que outros capitalistas: — emprega bóias-frias" arregimentados por um intermediário para pagar diárias menores e evadir as responsabilidades sociais (afirmando alguns proprietários da área em questão, não sem ironia, que "haviam aprendido isso em São Paulo"), condiciona o pagamento da diária mínima legal a um elevado *quantum* de produção, aproveita-se do desconhecimento ou das dificuldades de locomoção do homem do campo nas negociações para impor indenizações abaixo do valor das benfeitorias, etc. Em suma, lança mão das mais variadas formas de extrair trabalho não pago e de não pagar direitos adquiridos.

Mas também para o trabalhador o "modelo" da luta é outro. Aqueles que lograram manter-se na terra dividem-se basicamente entre os que desejam livrar-se da vida do campo (em geral os mais jovens) e os que lutam por ela para escapar à "escravidão" generalizada através da propriedade da terra. Mas os métodos utilizados na luta são distintos daqueles dos anos 60: para estes últimos já não se trata da pressão

direta sobre o dono da terra, mas da pressão sobre o governo para que desaproprie a área devido à tensão social; para os primeiros, não é mais a "luta pela terra" mas a luta por uma correta indenização que permita construir um "barraco" na periferia urbana. Neste processo já não se utiliza a violência física nem contra o proprietário (seja por temor à repressão, seja porque ele tem sido substituído por administradores impessoais) nem contra os trabalhadores que não querem participar da luta legal porque não se trata de um "movimento" cuja cuja força depende da sua união, como na época das Ligas, quando os direitos não estavam assegurados em lei. Trata-se de exigir a aplicação da lei, individual ou coletivamente. A ausência dos demais trabalhadores não impede nem prejudica a luta legal de nenhum deles.

Se nos anos 60 a participação nas Ligas fez com que os trabalhadores "perdessem o medo de rico", contestassem sua ilimitada autoridade, nos anos 70 esses mesmos trabalhadores tem dificuldade de encontrar e defrontar-se pessoalmente com o "rico", o dono da terra. Muitas propriedades e usinas tornaram-se sociedades anônimas, as relações dono da terra/homem do campo foram perdendo seu caráter pessoal, os proprietários foram sendo substituídos por técnicos assalariados. A existência do Estatuto da Terra gerou a confiança na lei e a convicção de que a autoridade do dono da terra é por ela limitada. Se nos anos 60 os trabalhadores se compraziam em ver o pânico do proprietário cercado fisicamente, nos anos 70 eles querem vê-lo nas barras dos tribunais prestando conta de seus abusos.

Nos anos 60 as Ligas pretendiam a "liberação das terras" ou, pelo menos, a conquista de direitos trabalhistas para o homem do campo; nos anos 70 a Igreja zela pela aplicação da lei. Junto com a população do campo seus agentes refletem sobre as formas através das quais é possível, legalmente, obter maiores vantagens para o trabalhador: seja facilitando a desapropriação da terra, seja lutando por diárias e condições de trabalho estabelecidas em lei, ou por indenizações compatíveis com os bens indenizados. Neste sentido ela procura ajudar o homem do campo a escapar às novas formas de violência dominantes na região. Para realizar tal tarefa seus agentes não interferem menos que o faziam os organizadores das Ligas: estes enviavam caminhões às fazendas para levar e trazer os trabalhadores aos comícios; aqueles se deslocam para as regiões de conflito incentivando os trabalhadores a exigir o cumprimento da lei. A forma como a luta se desdobra é que é "de outro modelo" Na época das Ligas falavam os agentes externos e a liderança: os demais iam somente ouvir para aprender e "se corrigir". Hoje o papel central continua sendo desempenhado pelo agente

externo e pela liderança trabalhadora mas todos podem e são estimulados a "dizer a sua palavra". Deixemos que Severino diga a sua.

3. A FALA DE SEVERINO

P. – Na época das Ligas, como era?

R.– Ah, na época das Ligas era bom demais. As Ligas foi quem botou pra frente. Se não fosse ela, ainda tava pior do que tá, nós não tava conhecendo o que conhece. Hoje nós conheçe justiça, tribunar, ministero, ninguém tem medo de dirigir e pobre num tem medo um do outro. Antigamente, Ave Maria! Quando o patrão espiava pro trabalhador com olho feio o trabalhador já tava com água correndo dos olhos porque ele já tava sabendo que já tava na rua; tava na rua ou morria no cacete, por que não tinha punição, naquele tempo ninguém sabia o que era justiça. Proprietário machucando, usineiro botando morador dentro da usina pra cozinhar no fogo. Hoje em dia é difícil vê dizer que o usineiro tá dando pisa num freguês, só se ninguém sabe. É difícil o senhor de engenho que tá matando morador; só que mata ele de fome, mas no cacete não. No tempo da Liga... antes dela, o nêgo era amarrado pelo mocotó, quer dizer, o patrão dava um grito, ficava calado. Ou ficava ou apanhava, né? Se ele respondesse era pra apanhar. O patrão pisava de pé, machucava, fazia o que queria e o freguês não podia dizer nada porque se dissesse ele matava. Ele mesmo não matava mas mandava a polícia. Achava morto por aí, morreu... achava um freguês morto. Ah, isso foi a doença que deu nele ou sei lá o que. Não tinha nada pra poder fazer vistoria. A polícia chegava. Ah, morreu! Digo: morreu, quem sabe quem lhe matou? Ninguém sabe, era pegar, botar dentro de uma rede ou um caixão, levava lá no cemitério, jogou lá e acabou-se. Agora num pode matar de um jeito, ele machuca de outro. Ele faz um cercado, solta o gado dentro, o freguês fico no meio. Se a casa for de palha e num quiser que o gado coma a palha, o freguês cerca a casa de pau e o gado ainda penetra... E então, depois da Liga, aí os caras ficou sem medo, perdeu medo de rico. Pobre perdeu medo de rico. A época das Ligas era boa demais. A Liga começou dando direito ao camponês; chamavam camponês, dava direitos a eles. Agora, tinha muitos proprietários que não queria que eles conseguissem. Que eles dizia que aquilo era ruim, era comunista. Diz: vocês, se ver nisso, vocês só vão levar pau. O cara disse: mas será possível? É. Agora, lá o patrão onde a gente morava, não se vexava com isso. Dizia: menino, é o seguinte, vocês vão, vão tirar as carteras de vocês que isso aí é melhor pra vo-

cês. Na frente vocês precisam de um doutor, precisam de um médico, precisam de um negócio, aí vocês vão lá e são valia. Aí, a gente ia, pra Sapé. Tiramo as carteira. Mas o povo, a senhora sabe que gente demais vira mundice. Então o povo queria tomar o que é dos outros. Quer dizer que além de mandar, queria tomar o que era dos outros. Quer dizer, o cara mandava que corrigisse aquilo lá no regulamento, pra todo mundo correr numa linha só, quer dizer que ia de pouco a pouco, devagarzinho, né? Ia-se chegando que quando tomasse o povo, todos eles tivesse todo unido, quer dizer que aí podia se encostar tudinho e o proprietário não podia se levantar mais. Mas não, o pessoal antes de ver, avoaram. Foi prejuízo. Aí pegaram matar gente, pegaram andar com chocalho com bem uns 5 quilo pra pendurar no pescoço daqueles que não queria ir, corria atrás de nego, nas carreiras por meio dos mato, assubia em pé de pau, o outro botava abaixo, quebrava braço, perna, o escambau. É, era uma mundice inteira. Chegava numa fazenda, tocava fogo que nem tocaram fogo nas canas de Bebéu, lá em Lagoa Preta. Chegaram tudo armado, disse: ou ele pagava 100 réis por semana ou morria, e se ele estremessesse, morria mesmo. Ele com dois revólver num tava adiantando nada, era mesmo que nada. Ele se assujeitou pagar os 100 réis mas quando chegaram em baixo, dispararam as armas, queimaram a cana dele, queimaram muito mais do que 150 de cana. Isso era barbaridade demais! Foram para S. José do Pororó, chegaram lá, o dono da terra correu. Eles tudo a pé, e quando chegaram lá, não encontraram o homem. Foram caçar pra dentro galinheiro, pra ver se tinha gente lá, se tinha latifúndio dentro escondido. Foram quebrar as flores que tinham na frente da casa. Tinha um caldeirão de comer no fogo, cozinhando feijão. Amaçaram logo o caldeirão, mataram logo uns cães que tinha no terreiro. Um cães, quer dizer, trata-se de um cachorro, né? Mas chamam de cães. Mataram uma ave de pena que tava num ninho com a ninhada dela. Atiraram no motor da casa de farinha, arrombaram as telhas da casa todinha de bala. Quer dizer, que isso aí era de imoralidade, eles não tava fazendo de acerto, tava fazendo barbaridade. O homem ainda deu uns tiros longe pra dentro de uma mata e eles ainda quiseram ir lá. Deram uns tiros de cá pra lá pra ver, o homem lá quieto, não veio, não veio bala. Não veio que não tinha jeito, aí vieram se embora. Deixaram lá tudo espatifado, aí vieram se embora. Então eu sempre dizia: menino, isso é o seguinte, isso é demais. Isso aí é promode da gente arranjar, quer dizer que dizem que o exército tá no meio com a gente, quer dizer que a gente foi fazer barbaridade quer dizer que no fim as forças armadas sai, sai de guarda, aí o governo toma conta, aí mete o cacete mesmo. Aí nego apanha de morrer, porque o que faz só o pequeno? o pequeno não faz nada. Que é que tá

fazendo o pequeno com pedaço de pau, uma espingarda, uma foice, uma maniva? Fazendo nada. O governo tá lá que nem o dono da fazenda de... foi no quartel, fez piquete em casa trouxe de metralhadora canhão, e escambau ele trouxe. Armou-se, fez trincheira de areia, desceu a instalação de Paulo Afonso, botou no chão, cobriu com areia por cima. Era bater dentro, batendo e morrendo. Ficava ninguém não. Em cada canto era 3, 4 cada um com uma metralhadora. Foi buscar até americano, não pra donde botou os dois lá na boca do cinzeiro e o que passasse era morrendo. Botou os dois lá, e passou 15 dias dando de comer a esse povo; a fazenda dele completa de gente, a família dele embarcou pra Recife. Ficou ele só, somente com o pessoal, cangaceiro. Eu digo: É, e o que é que vai virar, não vão morrer? Mas ninguém ia pra lá não. Passou-se e foi-se pra S. José fazer a reunião em S. José. Então em São José a polícia tava resguardando. Tava lá a resguardação da polícia. Foram chegando tudo lá, e isso a gente na casa dele, então... olhando lá, espiando que já tava que nem urubu, vermelho de gente lá, esperando que fosse lá, porque se fosse, morria, não escapava um. Cumpadre Zé dizia: besteira, se quisesse trazia um canhão botava lá no pé de cajá que tem descida da ladeira, apontava a boca pra casa dele, soltava uma bala daqui pra lá; se batesse lá, não ficava nada. Não, mas ninguém veio matar ninguém. Ia fazer reunião, foi-se em S. José. Então a Dra. ... ainda foi, entrou lá, falou com o dono, disse que ninguém ia pra lá, era boato do povo, conversa do povo. Mas ele não se convenceu com isso. Ele tava lá com a armação dele... Depois quando o Capitão chegava numa fazenda, ele falava assim ... agora, pra aquele fazendeiro que açoitava, né? Agora o que não açoitava... quer dizer, ele chegava, falava pro fazendeiro, dizia: eu quero entrar aqui na sua fazenda que eu quero ensinar aqui os camponeses. Aqui não. Então ele foi lá na propriedade, falou com o dono: você dá licença eu entrar aqui pra dar um ensino a seus moradores? Disse: aqui não. Meus moradores não me fizeram mal não quero nada aqui batino no meu morador em canto nenhum. E ele deu recado dele em Sapé, sangue dava no meio da canela. Fora aquele pessoal todo que morrem em Mari. Esse que morreu em Mari foi da usina. O empregado daí, o tesoureiro do banco aí da usina inventou... Ele disse: eu vou ensinar aqueles cabras de lá que lá não tem homem, vai homem daqui pra lá. Aí juntou um comboio, foi. Chegou lá foi só confusão. Primeiro que chegou lá foi aberto. Despejaram uma foice no ombro dele que abriu até embaixo no fim do espinhaço. Aí saiu cortando gente, devagarinho. O sujeito ia daqui para dar lição nos trabalhadores que eles tavam trabalhando, fazendo o canto deles lá, no terreno de roça. Ele disse que ia dar lição a eles, ensinar a eles como é que trabalhava e quando chegou foi logo brabo, foi o tesou-

reiro, o mais bravo que tinha, foi quem chegou logo na frente, foram logo abrindo ele. Aí saíram cortando os outros, danaram fogo no jipe, pegaram ele botaram em cima, botaram dentro fogo e deixaram queimar. Mataram tudo. É ... Quando chegaram, algum que escapou, que chegou, contou... Muita gente apanhou. Até o meu cunhado mesmo, o irmão de minha mulher aí, pegaram ele, só não mataram porque Deus é grande... e porque não quiseram. Mas disseram a ele que iam levar ele pra uma ilha não sei pra onde, tavam carregando pra uma ilha, levava pra lá, metia o cacete, lá mesmo ficava. De muito peditório que fizeram, não sei que foi que houve o que fizeram a ele, não sei o que foi, mas deixaram ele. Mas ele ia morrer também, que ele tava no meio da Liga. Eu fui muito a campanha também. Mas não... graças a Deus não fis descorde em canto nenhum. Pra onde a gente ia, não fazia. Fizeram um pantin pro patrão, vê? Que ele inventou de botar a gente pra trabalhar... a gente trabalhando, aí ele parou o serviço pra botar a gente tudo pra arrancar, limpar agave. Aí no agave não prestou não. O agave não prestou porque o agave tinha madeira de fazer palha, tinha cada toco que era dessa grossura. Cascavel não tinha nenhuma, dave uma corrida da outra. Eu digo: bom. Só entrava dentro dele cobra e preiá. Não era pra botar abaixo não. Era pra roçar o mato, sem cortar o espinho, erra assim, só entrava dentro preiá e cobra, nem tirar o espinho, tirar a madeira pra fora, cortar todo o cipó, todo o pau, e carregar pra fora nas costas, pra não cortar os espinho. Ora, se! Só podia entrar dentro se quisesse de cabeça. Aí disse: é, tá certo, vamos. Saimos na 6ª-feira chamando os morador todinho pra ir, fora os foreiro, somente os eiteiro. Chamamos todos eles pra ir, disse: todo mundo prepara uma foice, amola uma foice bem amolada que é pra roçar agave 2ª-feira. Então, o dono quer que vá roçar o agave; ele tem serviço pra fazer, mas não quer fazer, quer botar a gente no agave. Pois é onde vai ser o ingrato a ele, vai começar a porqueira agora, pro lado dele. Aí se ajuntou-se. Um saia por um canto, outro saia pro outro avisando, um avisava por um canto, outro avisava por outro, outro avisava por outro. Quando foi na 2ª-feira tava tudo em ordem. Disse: quem quer levar a marmita, leve, quem não quiser, deixa a marmita em casa que quando a gente chegar em casa, almoça. Nós vai somente andar. Depois de andar, chegava lá, arrasta os que tiver lá, que é da outra turma, do outro lado, nós traz pra cá, se quiser vir que vem se não quiser a gente bota eles pra correr e nós vem mesmo. Na 2ª-feira a gente fomos. Chegamos lá, no pátio do engenho na frente do barracão onde tava o proprietário com um pé num pau, escorado, coçando o bigode. Ele já tava vendo, já tava sabendo que viu o povo chegando, a maior parte sem marmita, somente com a foice nas costas. Ave Maria, a foice não cortava nadi-

nha. Chegou, passou 3 dias amolando a foice, pra cortar. E quando ajuntou-se, tudinho, ele disse: tá tudinho aqui? Disse: tá. Na base de umas 90 pessoas, tudo eiteiro. Vamos-se embora! Sai a fila de gente. Descemo, passemo nos bambu, descemo o rio, atravessemo, fomos se embora. Aí fizemos uma maramba dentro do rio, disse: sabe de uma coisa? Tava bom da gente voltar daqui mesmo, fazer logo o agave. Não, vamos pra aí dentro, vamos buscar os que tá lá. Que lá, os outros tá lá, tá lá a outra turma. Nós vamos, chega lá, nós traz. E mesmo, vamos se embora. Fomo s'embora. Toquemos no meio do mato. Encontremo um no caminho: Vamos mais a gente? Rapaz, eu nem sei! eu não tenho foice não, só tenho um pedaço. Leva assim mesmo, pedaço de foice quebrado. Ele disse: então eu vou buscar a foice. Disse: Vai. Ele foi buscar a foice; então mais tarde lá vem, somente com um caquinho de foice no cabo. Por sorte dos pecados numa porteira ele enganou a gente, ficou. Disse: eu vou entrar aqui, vou fazer aqui uma precisão e vão andando. A gente na frente, ele pega a gente. O que? Ele voltou pra trás, correu. Ele deu uma carreira que passou da casa. Quando chegamos em baixo, disse: cadê o camarada que vinha com a gente, voltou? Voltou pra trás? Disse: voltou. Disse: ah, cabra ruim, se a gente tem visto que ele tinha voltado tinha dado um agarra a ele que é pra ele largar de ser safado. Mas tem nada não. Vamos s'mbora. Quando chegamos lá tava assim, todinho. Aí disseram: como é, menino, vamos tudo pra fazenda? Vamo! Aí um disse: é, se vocês vê que faz a mão de obra de vocês, e no fim não resiste, é melhor se aquietar e cortar o agave do homem. Disse: Você tá contra a gente também? Ele disse não, eu sou a favor de vocês mas se vocês vê que faz a mão de obra e no fim sai do caminho... ficando quieto é melhor. Nada, nós vai tudinho pra lá. E vamos pela pista. Você vai mais a gente ou não vai? Ele pegou logo a tremer e disse: menino, eu não vou não. Vocês sabem que tou aqui mandado, eu faço o que o homem manda fazê; vocês vem também pra fazê o que ele manda, não é? Nós dissemos: É. Agora vocês tão unido a num fazê, né? Disse: É. Então, eu num vou não. Eu sou empregado, eu também quero ganhar meu pão, vocês me deixam. Aí o velho botou pra tremer que nem tava com a cesão, igualmente com a paludite. Disse: sabe de uma coisa é melhor a gente deixar ele aí, também ele não é bom pra nada. Ele já vem fazer o que o homem manda. É que nem nós, também vai fazer o que o homem manda, deixa ele aí. Aí soltou um encapetado que só. Disse: vamos levar esse corno velho! Aí outro disse: não, deixa o velho. Ele espiou assim e disse: desapareça velho, que a gente não quer nem ver. O agave só cabia preiá. Aí o velho abriu o agave pra lá e pra cá, sumiu-se, dentro do agave, e abriu e fechou e acabou-se o homem. Tudo isso tava nessa mesma reunião. Aí a gente

toquemos, viemos s'embora. Viemos pela pista. Aí a gente gritava: Viva as Ligas Camponesas! O cabra dizia: viva! Agora tinha uma coisa, o carrinho vinha na estrada, a gente dava com a mão, parava. Dizia: viva a Liga ou não viva? Dizia: viva! Você é latifúndio ou não? Não, sou camponês. Então tá certo, pode passar. Agora se ele dissesse assim: eu nem sou camponês, e também não sou latifúndio. Dizia: você tem que gritar Liga Camponesa, agora grita que num grita. O cara tinha que gritar, com a cara feia mas dizia. Viva a Liga. Os cabras botava chocalho de bem 15 quilos nesses que diziam que era latifundio. Fazia isso nas campanhas... quer dizer, eu ia daqui pra fora, encontrava com um comboio que vinha de lá pra cá, ele dizia: você não vai? Eu dizia: vou não. Então ele botava um chocalho, dizia: você é latifúndio. Aí você vai à força. Eu ia, tinha que ir. Então... que quando cheguemos, no engenho... antes de chegar chegemos numa venda. Aí o encarregado do povo todinho, quer dizer que a gente tratava... era o cabeça, o chefe, disse: bom, em venda nenhuma ninguém entra pra beber. Agora se quiser comprar uma bolacha, um pão, pode comprar. Mas cachaça ninguém bebe pra quando chegar lá não tá fedendo a cachaça e o homem não dizer que tá tudo bêbado. Aí quando chegou embaixo, depois da ponte do rio, entrou um na venda.Aí entrou tudinho atrás, disse: vamos ver se ele vai beber. Disse: que é que vai comprar, meu amigo? Ele disse: ninguém queira saber o que é. Disse: pois então, cachaça aqui não despacha ninguém, viu? Se o senhor despachar cachaça aqui, fique sabendo que na prateleira não fica uma garrafa. Então se quebra tudinho. Ele disse: não é camponês? Disse: é. Disse: ah! viva a Liga Camponesa que eu sou camponês também, tá doido! Aqui não vendo cachaça a camponês, quer comer tem bolacha, tem pão, tem carne, tem farinha, mas cachaça não. Então tá certo. Então um dos camaradas zangou-se: se é possível que ninguém pode comprar nem uma pedra de isqueiro, que vocês não queira deixar? Disse: ninguém tá empatando não, compadre, tá se empatando de beber cana. Mas comprar o que você queira não: Fora de cachaça você pode comprar o que entender. Aí vamos embora! Vamos. Aí quando chegou, um na frente, um pano encarnado enfiado no cabo da foice, gritava: viva a Liga Camponesa! Disse: viva! Aí falou pro camarada, grite: viva a Liga Camponesa. Aí o camarada chegou, não falou que ele entendesse, ele disse: você parece que é latifúndio. Quando disse, você é latifúndio? Levantou a foice. A gente peguemos, disse: tá doido, você quer cortar o camponês, homem! Ele disse: que eu entendi ele dizer que ele não era camponês: Não, ele gritou, é porque ele fala baixo: Disse: fale alto, senão você morre. Eu ia abrir você em duas bandas. Não... era uma revolta dura. Que quando um disse asssim: é isso, é isso mesmo. Se dissesse é pedra, é pedra. Nin-

guém disse que era peixe não, que estava desmantelado. Sei que entre tudo, chegou 140 homens, na fazenda. Quando chegamos o dono tinha ido pro agave. Montou-se no cavalo e foi. E quando ele chegou tava tudinho unido. Quando demos fé, ele chegou — vermelho feito um camarão. Pulou do animal, a gente arrodeamos ele. Deixemos ele no meio, feito uma ciranda, a senhora já viu uma ciranda? Deixemos ele no meio que nem um batedor de zagum, e a gente arrodeamos. Cada um com a sua foice em punho na mão assim, todos eles pegados na foice com o gume pro lado dele. Então tava tudinho cercado e ele no meio. Então ele ficou que nem um assim doido, sem saber o que fizesse. Mas vocês, em botei vocês pra trabalhar e vocês vieram s'embora, vieram mais pela pista, gritando! Tanto que eu fazia por vocês e vocês fazerem isso comigo! Disse: não senhor, ninguém fez nada com o senhor. Quer dizer que o senhor botou a gente pra roçar o agave de acolá. No agave só quem é pé de cobra, preiá e teju, viu? O senhor tá ouvindo? Ele lá ninguém vai entrar não senhor que ninguém tá doido pra ficar cego e nem aleijado. O senhor tem remédio pra dar quando a cobre morder? Tem não, a cobra mordeu, a cascavel mordem, é 5 minutos, tá cego. E depois que cegou, acabou-se. Ele: perdoe. Pra fazer o que? pra fanhar 1 conto de réis, é? Não senhor. Então a gente roçava, se fosse pra roçar, fazia picada dentro do agave pra tirar madeira. Mas o senhor disse aqui que queria que não cortasse o espinho, queria que tirasse a madeira, carregasse nas costas, dentro do agave. Não, eu não disse isso não. O senhor disse. Ele disse: é, tá certo, vocês agora tão botando eu em obstáculo. Tanto que eu fazia por vocês! Eu tinha feijão, tinha milho, tinha farinha, tinha dinheiro. Tinha minha camionete pra levar mulher de vocês pra maternidade e filho de vocês pro posto. Sim senhor, tinha tudo isso. Tá certo, o senhor tinha, não vou dizer que o senhor não tinha. Eu sei que quando a gente precisa, todo o inverno tem farinha, tem feijão, tem milho, tem fava, tem dinheiro, tudo isso o senhor tem, tá certo. O senhor solta, a gente recebe. Quando é no fim do ano a gente paga. Se deu pra pagar naquele anos, a gente paga e se não deu paga no outro ano, com dois, com 3. Então ele não andava atrás, isso aí ninguém diz que ele era ruim por isso. Ele era servidor. Mas o senhor sabe que um pai de família pra ganhar um conto de réis, tá pouco. O senhor paga 120 mil réis? Ele disse: não, não posso pagar. Então, vocês vão me pagar foro. Disse: e como é que a gente vai pagar foro no meio do ano? Não senhor, ninguém paga foro não. Então vão trabalhar um dia de graça. Disse: não senhor, era pra o senhor ter feito isso no começo do ano, não agora no meio, ninguém quer. Então vão todo mundo pra casa. E nem ninguém vai pra casa agora, enquanto não saber o que é que o senhor vai fazer. Vai pagar 120? Disse: não.

Vai chamar o empregado acolá. Foram chamar, ele chegou com o caminhão. Vai todo mundo pra Sapé agora. Nós vamos tudinho do jeito que tá aqui, com foice com marmita, quem tem marmita, vai, quem não tem, vai. Ele disse: não, não vai mais não. Só vai um. Aí respondeu todo mundo, pois um não vai não. Só vai se for tudo. Um só não tá adiantando o senhor ir não. Ele disse: ah, pois só vai um. Disse: ah, pois não vai não. O senhor não atende não que só vai se for tudo, se não vai tudo não nai nenhum. Pode muito bem você querer pegar enganar ele no caminho ou matar ele no caminho ou senão enche a cabeça dele de... depois quem é que vai tirar? Pois não vai não. Todos falava tudo de uma vez, era que nem uma casa de marimzbondo, quando assanha é de uma vez. Falava tudo com uma boca só! Ele disse: eu vou mandar buscar João Pedro. Disse: mande, a gente fica aqui esperando. Não sai daqui ninguém, enquanto não chegar. Disse: você vai em Sapé e diga a João Pedro que venha cá depressa, já, já. João Pedro era o presidente da Liga de Sapé. Então tocou, foi-se embora pra casa. Pra onde? Disse: não senhor, não sai daqui ninguém. Enquanto seu João Pedro não chegar aqui não sai daqui nenhum. Se saie é pra fazer uma precisão aqui atrás. E vai 2 ou 3 espiar que se ele correr, a gente pega ele. Não dai daqui ninguém não senhor. E nem o senhor sai daqui, só vai quando ele chegar. E ele ficou, pra lá e pra cá. É, tanto que eu fiz pra vocês, saía daqui de meia-noite, com mulher de vocês pra maternidade em Sapé, ou em Itabaiana, ou em João Pessoa, ou em Sta. Rita. Sim senhor, o senhor fazia. Ninguém diga que o senhor não fazia. Não teve quem dissesse que o senhor não fazia um favor. Faz. Eu comprava remédio, não cobrava. Sim senhor, o senhor fazia tudo isso, não cobrava des tostão. Tá bem entendido nós tamos ouvindo que é. Mas o senhor tá sabendo que o serviço daquele, se for fazer que nem o senhor queria, não vale não!

Não, mas eu não disse isso. Disse! O senhor disse. A gente ouvimos aqui, o senhor dizendo. O senhor disse ao cabo que era pra fazer o serviço que nem o senhor disse. Onde é que o senhor quer que a gente entre num agave daquele? Ninhado daquele jeito! Cada pé de maliça-boi que dava pra amarrar um touro! Que dá até trabalho pra cortar ele. E o senhor passa obra de uma conta de terreno coberto o agave... Como é que o senhor quer que a gente entre sem cortar um espinho? Ah, não! Ele ficou. Que quando demos fé chegou João Pedro. João Pedro chegou. Quando ele saltou do caminhão. Tá pensando que ele foi abraçar o proprietário? Foi nada, ele foi pra onde tava os camponeses. Tava tudo feito roda esperando ele. Quando demo fé lá vem o caminhão. Ele já veio rindo. Quando ele saltou do caminhão, o homem não pode abraçar tudo e se punha a rodar no meio do povo, de

braço aberto. Meu filho como vai tudinho, que é que tá acontecendo? Disse: não tá acontecendo nada, Dr. João. Aí ele veio, acomodou-se ajeitou e: não vai me trazer o livro de pagamento? Trouxe o livro de empréstimo, pra mostrar. Ele disse: olha aí, seu João Pedro, o que eu faço com esse povo esse povo não se importa e foram botar eu nesse chafurdo e tal. Eu disse: não, mas ele trás o livro do fiado mas não mostra o livro do pagamento. Ele disse: olha, o senhor paga Cr$100,00? Vocês aceita ele pagar 100 mil réis por semana? Aí dissemos: aceito. Ele disse: você paga, 100 réis por semana? Já que não quer pagar 120 porque não dá, falta trator e pagar terreno pro morador e adubo e não sei o que, não sei o que, você paga 100 mil réis? Ele disse: pago. Então fica todo mundo satisfeito. Quando é que você roça o agave? A gente dissemos: em setembro, em setembro a gente roça. Bota fogo, queima, aí roça. Ele disse: não eu não quero que queime não. É pra abrir o agave. Que agave vem unido. A cascavel morde, e agora? Disse: leva alho, bota na boca. Disse: não, cascavel não tem negócio com alho, não senhor. Disse: mas vocês garante de roçar o agave dele? Disse: garante, nós garante de roçar mas em setembro enquanto é tempo que não tem mais folha nos mato, a gente vê corta a folha do agave e passa pra cortar. Mas se não pra cortar espinho e pra entrar do jeito que ele queria... olha o dedinho (gesto de dizer não com o dedo)... que se toca fogo nele, queima de ponta a ponta. Aí ele ficou pagando 100 mil réis por semana. Ele ficou pagando 100 mil réis, aí ele partiu. Aí fiquemos. Aí acabou-se. Ninguém mais tinha medo do dono. Quando ele dizia uma coisa: e o senhor tá pensando o que? Cabou-se o tempo, da gente receber bico do senhor e ficar calado. Agora não é assim não. Aí foi o tempo que acabou a Liga e o povo fizeram... acanalharam, aí desmantelaram... aí, ficou, meteram o cacete pra cima, mas os outros ficaram sem medo de rico. Ninguém tem medo de rico.

. . . . . .

P. — Como você saiu da terra, Severino? E como é a luta hoje?

R.— 43 anos em morei na terra. Tou dentro de 44. Aí eu vim, cheguei lá, peguei trabalhar com 10 anos de idade. E peguei trabalhando devagarinho. Aí meu pai, a escola que me botou foi lá de pé de cana, né? Agora, dos 61 pra cá foi que começaram a botar o povo no estudo, menino no estudo. Mas de 60 pra trás era difícil ir pra escola. Era só enxadinha. Limpar matinho, limpar a lavoura, o milho, o feijão, a cana do homem. Aí botaram eu nas conta, quando eu saí das conta botaram eu pra limpar mato na diária na fazenda. E fui trabalhando. Fui trabalhando e fui crescendo, fui trabalhando e fui crescendo. Co-

mecei a ganhar 30 réis. Trabalhava 6 dias para ganhar dez e quinhentos! E ficava muito contente; quando eu recebia no sábado, aqueles dez e quinhentos, chegava em casa dava os 10 réis à velha e ficava com 500 réis, trocava tudo em tostão, ficava no bolso, tava rico. Agora tou rico, dizia. Depois fui crescendo, fui trabalhando aí deu pra ir ganhando. Foi dando, foi dando, foi dando, fui crescendo, foi subindo. A gente trabalhava alugado também. Tinha de pagar os 3 dias de condição. A gente tá morando numa rua, a gente não paga o direito da rua, da casa? E lá a gente trabalhava, lá na propriedade, então pagava 3 dias. Tinha obrigação trabalhar aqueles 3 dias, 4, conforme seja. Se ele tivesse muito mato ele queria 4 dia, 5 e se a precisão do freguês obrigasse podia trabalhar até 6. Os outros dias ele pagava mais, somente 50 centavos. Aí foi o tempo que o proprietário, a mãe dele morreu, então tinha 8 herdeiro, a mãe dele morreu — aí eu já tava ganhando 4 contos já por dia. Aí peguei a trabalhar em produção, caminhão, cortando cana. Chegava a seca, a gente ia cortar cana. Cortava a cana seca, seca. Pegava em agosto, entrava agosto, setembro outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro. Em fevereiro terminava. Aí vamos pra usina. Aí cortava março, abril, até o mês de maio na usina. Aí era tempo da época do inverno, aí desabava pra casa. Então ia trabalhar no roçado da gente. Tinha direito uma semana, direito da usina, tinha direito uma semana, aquela semana era pra gente fazer as rocinhas, fazia. Aí quando dava na outra semana, ia pra fazenda, trabalhar os 3 dias. Dava 3 dias, ele exigia: eu tenho muito mato, eu quero que amanhã venham de novo, eu pago mais caro. Tá bom. Aí começamos ganhar 8 contos, era 8 contos a diária. Dizia: eu pago mais caro, eu pago 9 contos. A gente passava, quando passava dos 3 dias, eu dava 4 ou 5, já saí Cr$9,00. Agora quem trabalhava 3, saía a Cr$5,00 quem trabalhava 4, saía a Cr$7,00 e quem trabalhava 5, saía Cr$8,00. Ia subindo assim. Foi tempo que a mulher, a dona da casa morreu. Ele sempre dizia: É, vocês tão tudo satisfeitos, tá bem enquanto ela tiver com olho aberto que quando ela fechar os olhinhos, ah isso aí vai se rasgar. E é isso mesmo que quando ela morreu aí botaram... vamos partir, cada qual pega o seu. Agora vamos a usina tentar pra comprar. Cada qual queria vender sua parte. Vendeu por 900 milhões. E a gente trabalhou 8 ou 6 anos lá. Aí ele (o novo proprietário) disse: aqui eu não vendo mais nunca, isso é uma bola de ouro e tal e lá vai, lá vai, foi logo botando a mata abaixo, plantando cana e... e lá se vai e abacaxi e o diabo a sete. E a gente ganhando os 7 contos. Isso é possível? Que ele não aumenta mais esse dinheiro. Aí foi o tempo que haja a usina bater, bater pra comprar, haja a bater, haja a bater, falou pra arrendar, ele disse: não arendo, eu vendo mais não arrendo. Aí os cabras dizia: Ele vai vender a propriedade. Não vai

vender, diz que não vende nunca. Eu digo: não vende? Ele vende, rapaz. Vende não, que a mulher não deixa. Eu digo: se ele achar dinheiro até a mulher ele vende, que dirá a terra. É besteira, ele querendo fazer o negócio, a mulher pode falar de machucar o bico mas ele faz. É dele. Ora mas tá bom... quando foi no dia de Sant'Ana chegou o recadinho: vendeu a propriedade. Vendeu? Olha, bocado de idiota, vocês não disseram que ele não vendia? Falou que não vende a aí... O algodão tava deste tamanho, o milho tava começando a madurecer. É. Eu disse: olha, nós tamos tudo com a trouxa na cabeça, nós tá que nem as abelhas no mundo. Os outros de cá de baixo já vivia que nem abelha, todo mundo, pra cima e pra baixo. Eu digo: mesma coisa a gente vai ser. Vai nada. Eu digo: Vai. Vai, vai, não vai, vai, não vai e foi mesmo. A usina chegou, disse: pronto, fique sabendo vocês que quem plantou, plantou, quem não plantou, não planta mais. No meio de Sant'Ana, dia 15 de Sant'Ana. Foi tempo do inverno, chega o inverno mesmo. Disse: agora vamos trabalhar. Trabalhar o que, minha filha? Trabalhar como que ele chegou, disse: aqui não planta mais nada. Falava pra plantar um ano... um ano e tanto, saia com 40 dia. Ele disse que não há planta nem nada na vida que não quero. E fiquemos trabalhando. Ele tava com o roçado dele lá e a gente querendo trabalhar. Porque ele pode colher a lavoura dele, que tinha lá. Então a gente tava no corte de cana, cortando cana. Aí pegou colher e cana, o algodão, o milho, o girimum, a roça, o inhame. Quando foi em janeiro, aí ele dava 10 contos. A usina era 9, ele botou pra 10. Também não foi morador trabalhar na usina, era tudo no dele. Eu disse: é, tá bom. A usina vai indenizar o povo, vai indenizar os moradores todinho. Eu digo: é, se for indenizar, ainda vou receber alguma besteira, dá pra comprar uma choupana. Juntou logo os forreiro, quando for no sábado vai para a usina, pra receber. Eu disse: os eiteiros só tem direito ter os olhos na cara. Eu digo: é, tá bom. Disse: o forreiro tem direito porque ele trabalha o ano todinho pra nós, tem que pagar. E o eiteiro trabalha todo o dia e toda semana recebe. Eu digo: é, se recebesse dinheiro mas não o inferno. No corte de cana, assim mesmo chegei a fazer 70, 80, 90, 100, se trabalhasse muito, de dia e de noite. E tinha semana que a gente trabalhava e quando era no sábado o dinheiro que vinha era 5 conto pra cada um. Eu digo: é, tá bom. Cinco conto dá muito bem pra fazer uma feira, que é uma beleza. E lá se vem e aí chegou ela, dizendo missa mais o padre, dando missa nas casas e tal, ajuntando o povo. Disse assim: tem uma missa aí, tem uma moça que tá ajuntando o povo, ouvindo missa e fazendo reunião. Vamo lá. A gente tava no serviço, trabalhando, e chegou o recado. O empregado chegou e disse: menino, negócio de 10h. do dia, vem aí um pessoal, tá reunindo o povo, assistir uma reunião aí. Vocês

querem ir, pode ir, pode largar o serviço e ir. Eu não vou não, eu não posso ir, eu sou empregado, não posso ir, mas vocês pode ir. Eu fui lá saber. Cheguei lá, ela já tinha chegado. Aí eu voltei, chamei os menino, fomos pra lá. Chega lá, rodeia um pé de jaca, ficou crespo. Falei e tal, juntei pra aqui pra acolá: vamos; vamos tudinho, vai tudinho... porque não tem dinheiro pra ir, tá lá o carro pra vocês ir. o povo que quiser. Disse: tá certo, vamos. Aí ela ainda foi sabida, trouxe uma camionete. Chegou cá a camionete só tinha 10 pra ir. Tinha mais de 15, viu? Só 15 que tinha trabalhando, fora os outros que veio de fora, que não tava trabalhando. Tinha gente demais. Todos 15 ia, fora os outros que chegaram. E o caminhão não cabia. Aí quando foi na hora só tinha 10. Aí falemos e tal e lá vai, ficou pra ir de novo. A outra vez ela veio, fez a reunião. Chegou mais de 100 pra ir. Eu digo: na truncada não vai dar. Ela chegou com a camionhete, veio... foi 15. Quando a usina soube que tinha ido a primeira rez, forreiro foi também, aí que quando ele chegou de novo e disse: a metade dos forreiro foi outra vez com o trabalhador de eito, ele aí correu depressa, mediu toda a lavoura dos forreiro todinha. Aí quando a gente cheguemos tava lá o carro avisando nas portas: todo forreiro que quiser receber o dinheiro dele pode ir amanhã pra usina. Saiu e foi tudo, foise embora. Ficou somente os assalariado. Quer dizer que a gente entrava... eiteiro. De cá pra os homem é assalariado. Ficou somente assalariado. Aí ele deu 8 milhão a um, 15 a outro, 12 a outro, 6 a outro, 5 a outro, 12 a outro,1.500 a outro, 800 a outro. Ajuntaram tudo... tinha lá um pobre de um idiota, correram logo, chamaram ele lá pra várzea, indenizaram o pobre do velho com 3 contas de cana e 40 e poucas... de banana, todas frutando, toda a semana ele tirava uma caixa de banana, enganaram ele com 5 milhão, e ele tinha direito a tirar toda a lavoura de dentro do terreno, o homem com a macaxeira que tava em hora de comer, batata tinha, girimum, feijão, o milho tinha virado a pouco tempo. Assinou — 5 milhão. Levaram ele pra usina, ele pra receber. Quando chegou aí, ele não quis receber, aí veio pra federação, chegou aqui, o secretário não tava. Ele foi pra João Pessoa. Chegou lá, tava fechado. Voltaram. Chegou aqui, ele disse: não recebo, só recebo na federação. Tiraram ele pra usina. Chegou lá, dr. ... pelejou, ele não quis receber. Tiraram ele pra federação em São Miguel. Lá compraram ele, ajeitaram, foi que ele fizeram lá uma ... pagaram 4 milhão a ele. Eu disse a ele: eu não recebia nunca, esses 4 milhão. Ele disse: é, eu caí na besteira. Eu digo: não devia nem ter recebido. Eu não recebia, deixava lá e ia e dava parte. Aí eu ia pra junta, o advogado dava parte, contou tudo quanto foi de lavoura, danouse com tudo e nem lavoura nem aluguel, deixou na mão. Aí eu fiquei, eu disse: e agora, a gente não tem direito a nada? Disse: tem, vocês

todos tem direito. Cada um vai receber. Eu digo: é, então, vou receber, vamos ver o que é que vai dar. Foram. Quando vieram... Cr$ 50,00. Eu disse: esse foi o dinheiro que vocês receberam? Disse: foi. Eu disse: se eu tivesse lá, eu tinha deixado lá, eu tinha dito: sabe, eu não preciso não. Nem me leve meus dedos nem quero isso não. Eu sou assim. Ele disse: nada, mas quando for pra receber todo mundo recebe que... dá medo. Eu disse: dá não, que acabou-se o tempo de cada um andar apanhando. Cheguei em casa e a mulher, eu disse: olha aí. Fosse eu pra lá pra usina receber 50 conto. Ela disse: e tu não foste não? Eu disse: eu? Ela disse: homem amanhã tu vai, que é a passagem do caminhão. Eu disse: se eu for lá, eu gasto 10 conto de passagem, daqui pra lá, se eu precisar de comer alguma besteira, eu como, vai-se embora outros 10 contos, fica somente 30. Com 30 conto eu vou embora pra onde? Ah, essa não. Peguei o dinheiro que tinha no bolso, taquei, fui pra cidade passei uma semana rondando aqui dentro da rua pra riba e pra baixo, caçando casa. Achei uma casa. Eu digo: essa casa é pra alugar. É, é pra alugar, mas é 70 conto. Eu disse: mas aluga por 30, não? Ave Maria! Deus me defenda! Deus me livre! 70 conto! tá certo, então aluguei a casa. E lá eu disse: o Sr. me faz um favor, por bondade, o senhor manda um caminhão levar as minhas poiqueiras lá na cidade, o senhor manda? Ele disse: mando. Pode me dar minha casa pra eu levar? Disse: a casa num dou não. Ih, é? Me dê ao menos umas madeiras de umas casas velha de palha que tem por aí, que dava muito pra eu queimar. Disse: pode tirar aí. Então, quando foi 4 h. me levantei, já tinha botado quase tudo, só fui levar as malas, a cama, e botei lá. Quando o caminhão chegou vim embora. Dia 10 de janeiro eu vim embora. Foi o tempo que eu encontro um serviço. Trabalhei logo 6 mês quando cheguei. Eu trabalhando lá embaixo, ela chegou atrás de um camarada que tava com uma questão empilhada. Aí eu olhei pra ela, ela olhou pra mim, se deu comigo, eu tava com a mão cheia de lama, trabalhando dentro da lama, ela disse: como vai? Eu disse: e eu aqui, como vai a Sra.? Ela disse: que lhe deram lá? Eu disse: graças a Deus nada. Ela disse: o senhor nem vai procurar? Não quis botar a questão pra frente? Eu disse: olha, eu acho que não vou mais não, eu já saí de lá. Ela disse: nada, vá caçar seus direitos que o senhor tem. Eu disse: é, depois eu vou. Ela foi-se embora. Passou-se, passou-se, ... Um dia eu tava lá no escritório, no portão, ela chegou de novo. Veio atrás de um camarada pra ele ir, daqui lá. Aí ela teve conversando comigo de novo. Aí eu disse: qualquer dia a senhora apareça por lá, que nós palestra, viu? A senhora pode ir lá, chegue de noite, chege de 6h. para 6.30 que eu tou em casa. Agora cedo eu não tou não. Ela disse: tá certo. Passou-se, passou-se, passou-se. No domingo eu tava em casa sentado, deu 6h. aí chegou o carri-

nho. Aí ela chegou, aí juntou mais dois camaradas que tem aí, batemos um tal queixo, a conversar. E eles ficaram de ir. Aí ela chegou, explicou direitinho como era, como não era, disse: você tem direito, é assim, é assim, assim. Eu disse: vou. Quando foi no dia ela disse: o senhor vai? Eu disse: vou, sim senhora. Se ninguém for, eu vou sozinho. Ela disse: o senhor tem coragem de ir? Eu digo: tenho. Depois que eu botei na cabeça pra apanhar, pode bater nela que eu não tou me queixando não, enquanto não esmigalhar, vou andar. Aí passou, quando foi com uns 4 dia ela veio de novo. Disse: diga a ela que vá. Eu tava trabalhando. Foi no dia de eu ir... eu disse: hoje eu não vou fazer serão não. Eu vou largar de 5h. que eu vou numa viagem. O cabo disse: mas rapaz hoje que o serão era bom e tal. Eu disse: não, amanhã eu faço serão, mas hoje não. Eu tenho um negócio, um compromisso pra resolver de muita necessidade, e eu vou. Ele disse: então tá certo, pode ir, vai nos seus negócio. Quando eu cheguei em casa, tomei banho depressa, mandei ela botar a ceia, eu ceei, chamei os menino, não tinha dinheiro, tomei emprestado uma velhinha Cr$ 10,00. Eu disse: menino, vamos? É, eu não vou não, que eu não tenho dinheiro. Eu disse: pronto, lá vai um. Aí eu disse: vai não? Rapaz, eu não vou não porque esse negócio assim se fosse como de hoje e amanhã eu receber, tava certo, mas negócio que vai passar muito tempo... Eu digo: e tu quer comer um negócio... rapaz, que quando vai comer, que bota uma panela no fogo, tem que esperar que ela cozinhe, não vai comer cru, tem que cozinhar. Ele disse: é, depois eu vou, tu vai. Eu disse: é, eu vou mesmo. Aí fiquemos certo pra 7h. tá no ponto de ônibus em João Pessoa. Ela tava lá esperando, os 3. Não quiseram ir não, eu desci, cabeça baixa, panhei o ônibus, toquei. Quando eu cheguei lá ela já tava lá. Disse: cheguei nesse instante, só fui chegar em casa, jantar e tá aqui. Ela: e os dois? Eu disse: veio não, só quem veio foi eu mesmo, não disse a senhora que eles não vinha? Que só vinha eu? Aí toquemos no meio do mundo e andemos que quase me perco. Fomos para a casa do dr. ... chegamos lá ele num tava. Vamo esperar. Nós entremo e tal, e lá a esposa dele chegou, panhou a gente no carrinho e toquemo no meio do mundo. Digo: agora não sei onde é que vai. Andemo que só. Sei lá onde é que eu fui. Lá tinha gente que benza Deus. Tava completo. Mandaram eu me assentar, me assentei e lá eu contei a história todinha pra ele. É assim, é assim, é assim... Ele disse: você lá recebia décimo? Eu digo: não senhor. Recebia féria? Eu disse: não senhor, o décimo que ele dava, de ano em ano então dava a cada um, metade de peixe, amarrado num cordão pela semana santa e pela festa, a cada um ele dava 10 conto. E esse negócio de féria, Ave Maria, é bicho bravo. Ele disse: e o ganho de vocês lá? Eu disse: o ganho... Ave Maria, era 7 conto, era 8, era 9, era 10 era todo o preço,

não tinha preço não. E, me diga uma coisa, e você tinha roçado? Eu disse: tinha, o roçado era uma besteirinha, mas tinha. Criava? Criava. Conversei tanto no mundo que cansei o queixo. Aí ele disse: então você amanhã, vocei vai na federação. Eu digo: eu já fui lá duas vez. Ele: mas vai de novo, chega lá, conta a sua história, vê o que é que ele diz, se ele não lhe disser nada você vem aqui e me diz. Tá certo, sim senhor. Ele botou no carrinho, veio me trazer. Cheguei no ponto de ônibus, apanhei o ônibus e vim embora. Quando foi no outro dia bem cedo, fui trabalhar. Trabalhei até 11h. Onze em ponto cheguei em casa, almocei, ganhei o mundo, fui pra cidade, pra federação. Quando cheguei lá tava fechado tinha ido na hora do almoço, só abre 1h. Quando foi... abriu, entrei. Aí falei. Ele disse: e ele lá o que fez com você? Eu disse: o que fez foi que ele não deu nada a ninguém. Ele: e você porque não botou esse povo na junta? Uma questão dessa a gente dá mesmo na junta, que num instante ele chega. Eu digo: é, porque aqui na federação eu já vim 2 vez, 3 com esta. A primeira vez veio 10 pessoas, da outra veio 15. Ele agarrou o povo todo e acabou-se, e não veio mais ninguém, o povo ficaram com medo, o resto que ficou... Ele disse: ah, esse negócio aí, dá mesmo na junta. Disse: Então tá certo. Calou-se o homem e tal. Eu disse: então vou viajando. Eu viajei, fui pra onde tá dr. ... Cheguei lá e disse a ele: doutor ele lá, disse que eu podia ter botado na junta. Só foi o que ele me disse: só e só. Aí ele chamou a secretária dele, a mocinha que tem lá, disse: você vai com ele lá na junta. Chega lá, lá tem um advogado que ele é meio careca, cabelo do lado, você não queira negócio com ele não que ele é da usina, é advogado da usina. Então você caça o dr. ... ou outro irmão dele. E entrega lá ele, e já está. Cheguei lá, ela procurou, lá vai... aí chegou o advogado. Ele deu logo um cartãozinho, disse: você me vai lá no meu escritoriozinho. Eu disse: mas eu não sei onde é não. Ele explicou. Eu digo: eu sei. Você atravessa, quando chegar em baixo, tem uma casa... você fique lá que 4 e meia eu chego. Saí, desabei de lá e fui. Quando cheguei lá, esperei. Quando foi mais tarde ele chegou. Aí ele pegou o ofício, disse: você tem Cr$ 20,00 aí? Eu disse: não senhor. Ele disse: eu tenho, que é pra vocer ser reconhecido e tudo o mais. Vamos embora. Aí eu fui embora, ele na frente, eu saí atrás. Chegou lá, ele pagou os Cr$ 20,00. Eu disse: quando for sábado, eu venho trazer os Cr$ 20,00 aqui pro senhor. Ele disse: tá certo, se eu não tiver aqui, a porta estiver fechada, você pode empurrar o dinheiro por cá embaixo, quando eu chegar eu sei que é meu. Eu disse: então tá certo. Fiquei lá. Ela: Assina o dedo. Deixei a assinatura. Disse: quando for na 6ª-feira você vem buscar os papéis. Eu disse: eu só posso vir no sábado de meio-dia pra tarde. Ela disse: não, sábado é fechado e domingo, só é aberto da 2ª a 6ª. Eu digo: no meio da

semana já não tem tempo que eu já perdi um dia de serviço ontem, perdi meio dia onte e meio hoje, quer dizer que assim eu já perdi 2 dias. A senhora sabe que se não for trabalhar, perder um dia, perde 3. Perde no sábado e no domingo, e o dia que não trabalhou perde 3 dia. Eu disse: é fácil da senhora mandar a escritura pra lá pro advogado? Ela disse: é. Eu digo: então a senhora mande pra lá que de lá eu venho apanhar, eu posso vir até de 5.30, 5h. eu apanho ele aqui, eu largo lá mais cedo, peço lá o rapaz pra largar de 4.30, aí apanho o ônibus e venho, pego ele de 5h. Ela disse: tá certo. Aí eu fui. Quando foi no dia, de 1h. eu tava lá; quanfo oi de 2h. ele chegou, o proprietário. Tava sentadinho quando ele chegou, quando o bichão. E eu lá não tava nem ligando. Eu disse lá na vista do advogado, e disse na vista do secretário da usina: eu não tenho nada a ver com a usina. Eu *não trabalhei pra usina, eu quero dinheiro dele.* Eu trabalhei com ele até o dia 10 de janeiro, que eu saí. Deixei de trabalhar, agarrei meus troços e vim embora. Quando deu... ele chegou. Ele chegou, vinha pra lá e pra cá. O advogado dela já tava, pra cima e pra baixo. Fui na audiência, ele disse: o nome do camarada é ... Ele disse: tá. E já tá na audiência. Ele disse: mas se ele tá qui, eu não conheço. Que ele não tinha conhecimento com a gente não, ele ia no carro, passava a gente trabalhando, tirava direto, ia-se embora. Pouco ele via a gente, se viu mas ... o conhecimento dele era pouco. Aí... pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. Quando o cara chamava um, ele corria o olho, quando chamava outro, ele corria a vista, pra ver quem era. Eu saí de lá, de onde tava sentado, quando cheguei cá na pilastra ele foi escorado, peguei um cigarro, acendi, fui fumar. Ele faltou a paciência, veio de lá pra cá, quando chegou perto de mim, os olhos dele pequenininho, ele esticou o pescoço pra cima assim e ele todo empapado disse: você que se chama...? Eu disse: sou eu mesmo. Ele disse: é, haja me caçar! mas rapaz, você veio botar eu aqui? Eu disse: tá! E porque? Ele disse: e carecia você vim botar questão? E tem uma coisa, eu vendi aquilo perdendo dinheiro, pra eu não indenizar ninguém. Eu disse: eu não tenho nada a ver com isso não que eu não fui indenizado, não me deram nada. Ele disse: e tem uma coisa, o feitor me disse que não sabia quem era você não. Eu disse: Ele me conhece mais do que a palma da mão dele, eu fui nascido e criado lá junto com ele desde pequetitinho ele não me conhece! Quer dizer que ele agora não tá me conhecendo? Mas eu tive um sobressalto que eu quase que morro. Eu disse: bom, *eu não tenho nada a ver com isso.* Aí a usina diz que tinha indenizado esse povo todinho, eu disse: a mim não, se indenizaram é foreiro, mas eiteiro, não senhor. Ou o senhor tá pensando que Cr$ 50,00 que deu lá a uns foi dinheiro, foi? E eu nem Cr$50,00 nem coisa nenhuma. Ele coçou a cabeça, foi-se embora. Quando me

chamaram, e chamaram ele, ele chegou lá e disse: é, faz 4 ano que eu vendi essa propriedade. E eu vendi a terra livre. Eu disse: quanto? quatro ano? E que quando ele saiu de lá eu não tinha mais nada. Eu disse: não tinha? O senhor ficou só com a gente, ficou cortando cana o senhor ainda ficou plantando algodão, ficou quebrando o milho, ficou apanhando favo, ficou tirando jirimum, ficou arrancando roça, limpando roça. Como é que faz esse tempo todinho que saiu de lá? Aí ele disse: mas faz 4 ano que eu vendi. Eu disse: me diga uma coisa, 2ª-feira foi quanto do mês? Ele disse: sei lá. Eu disse: mas eu sei, não foi 10? Aí respondeu, disse: foi. Ele disse: é, parece que foi. Eu disse: pois fez ano que eu saí de lá. Aí ele calou-se, pegou passar a mão na cara, ficou calado. Aí disse: é, mas lá a propriedade foi de outros, foi não sei o que. Eu disse: eu não tenho nada a ver com eles, eu tenho a ver com o senhor. Foi quem derradeiro ficou. Vi ele essa vez. Já fui parece que 5 vez, ele só foi uma.

Hoja eles não querem morador morando com proprietário. Porque eles tem medo de questão. Então no tempo em que o freguês botou ele em questão, vai pra frente, né? Então ele não pode dar uma lambada, por que ele tem medo; se ele der uma lambada vai ser pior. Agora o jeito que tem é cumprir a lei. Ele tem que cumprir ordens. Se o freguês chama ele pra um acordo ele não quer ir, mas vai a força. Se o poder dele é pequeno, não pode resolver, aí tem a força maior, pra arresolver, combate nele. A força maior é, vamos dizer assim, eu acho que seja um tribunal de justiça, né isso? Chega falando no tribunal de justiça, conta o passado dele, como era. O que ele vem sofrendo, aonde é que tá sentido. O freguês que calça o sapato é que sabe onde tá pegando. Quem não tá calçado com ele, no pé, no pé dele, não tá sentindo nada. Só eles é que sabe. Mas bateu lá na força maior, aquilo ali ele é chamado. Ele tem que obedecer as ordens.